**POR UM JORNALISMO DE FISSURAS: CONSIDERAÇÕES INICIAIS DE PESQUISA**

Tácila Matos SILVA - UFAC[[1]](#footnote-1)

Francisco Aquinei Timóteo QUEIRÓS - UFAC**[[2]](#footnote-2)**

**RESUMO**

O presente resumo expandido apresenta a prévia das discussões em desenvolvimento no projeto de Iniciação Científica intitulado **“Jornalismo de fissuras: por um olhar a contrapelo dos relatos hegemônicos”.** No estudo, buscamos refletir sobre o modo como os sujeitos subalternos (indígenas, mulheres e negros/as) são representados em reportagens e notícias jornalísticas, tendo como *locus* a Amazônia Sul-Ocidental. A ótica delineada na investigação em curso direciona-se, desse modo, para uma perspectiva das fontes alternativas, apontando para novas inteligibilidades e problemáticas sobre a realidade social no âmbito do Jornalismo produzido no Acre, tendo como *corpus* de pesquisa as matérias produzidas pelos sites G1/AC, Ac24horas e Contilnet.

**Palavras-chave:** Jornalismo de fissuras. Subalternidade. Narrativa. Representação. Acre.

**1. INTRODUÇÃO**

Ao contrário dos grupos sociais hegemônicos, os sujeitos subordinados não desfrutam dos mesmos espaços representativos, cognitivos e simbólicos. Conforme Van Dijk (2015) isso se deve a uma série de fatores, como 1) as classes subalternas não têm acesso aos meios de comunicação dominantes; 2) comumente não são utilizados como fontes de informação usuais e confiáveis; 3) são descritos de maneira estereotipada e geralmente são tratados como “problema”, “fardo” ou “ameaça”; 4) são representados como “deficientes” ou “atrasados”, quando confrontados com os valores, finalidades, conhecimentos ou “cultura” dos blocos de classes dominantes; e, por conseguinte, 5) necessitam de “nossa ajuda, compreensão ou apoio (altruístas), pressupondo que se adaptem a nossas normas e ideologias sociais e políticas” (VAN DIJK, 2015, p. 76).

O entendimento do sujeito subalterno problematizado no presente resumo expandido segue o percurso delineado por Carlo Ginzburg (2006), em *O queijo e os vermes.* A partir da reconstrução das diversas camadas sociais do mundo do moleiro Domenico Scandella, Ginzburg (2006) constata que a cultura popular não emerge como espaço homogêneo e totalizador; mas, pelo contrário, desliza e resvala – apontando para o que se define como “circularidade cultural”.

O conceito de “circularidade cultural” proposto por Ginzburg está relacionado aos postulados advindos de Mikhail Bakhtin e de seu Círculo. O pressuposto aponta para a possibilidade de se investigar a cultura como algo plural e complexo. Leonardo Santana da Silva (2017) assevera que o termo corrobora para a “presença de uma comunicabilidade que transcorria de maneira dialógica, circular e, por conseguinte, de forma mútua e recíproca (...) entre a cultura das classes subalternas e das dominantes existentes em uma Europa pré-industrial” (SILVA, 2017, p. 73).

Carlo Ginzburg foge da dicotomia “cultura oficial” versus “cultura popular”, optando pela interação e circularidade entre os diferentes campos enunciativos. Sob essa perspectiva, os sujeitos subalternos distanciam-se das bases que os definem em um primeiro momento como imagem passiva da cultura hegemônica ou, noutra medida, como negação absoluta da cultura popular.

Para Rojas (2012), a classe subalterna é “concebida tanto como uma cultura diversa e oposta à cultura oficial, quanto como uma cultura profundamente criativa, inovadora e fluída” (ROJAS, 2012, p. 129). Compreende-se que a cultura das classes subalternas sintetiza aquilo que o pesquisador mexicano enuncia como “*síntese complexa de diversos estratos culturais* que remetem às distintas durações históricas das várias dimensões que se condensam em qualquer manifestação cultural” (ROJAS, 2012, p. 128, grifos do autor).

**2. ANÁLISE E COMENTÁRIO DO CONTEÚDO**

Ancorado nos pressupostos metodológicos advindos da micro-história italiana, busca-se compreender como os sujeitos subalternos são narrados nas reportagens e notícias produzidas na Amazônia Sul-Ocidental. Nesse sentido, serão categorizadas matérias que tenham a Amazônia brasileira como cenário, buscando apontar como os indígenas, as mulheres, os negros são representados e narrados. O objetivo é compreender como os veículos de comunicação processam os significados referentes ao conjunto desses sujeitos. Para a estruturação do *corpus* de pesquisa serão analisados os sites G1/AC, Contilnet e ac24horas, perfazendo os anos de 2022 a 2024.

Além dos pressupostos advindos da micro-história italiana, a problematização do termo subalterno ancora-se nos postulados do crítico John Beverley (2011). O autor frisa que o vocábulo designa um atributo geral de subordinação social, política, econômica e simbólica, expresso em termos de classe, idade, gênero e profissão.

Beverley (2011) referencia o estudo *Elementary Aspects of Peasant Insurgency,* de Ranajit Guha, sobre as rebeliões campesinas da Índia, no século XIX, para apontar que a matriz que define a identidade subalterna é a negação. Beverley (2011) salienta que o entendimento do camponês rebelde como sujeito histórico necessita de “una correspondiente inversión epistemológica” (BEVERLEY, 2011, p. 21). Nessa perspectiva o estudioso ressalta que

El problema es que los hechos empíricos de estas rebeliones son narrados en el lenguaje (y en las asunciones culturales) de las elites –tanto la nativa como la colonial - contra las cuales estas insurrecciones estaban orientadas: “…el fenómeno histórico de la insurgencia aparece por primera vez como una imagen enmarcada en la prosa, y por tanto, desde el punto de vista de la contra-insurgencia, – como una imagen distorsionada” (*Aspects,* 333). Aquella dependencia, sugiere Guha, revela un prejuicio en la misma construcción de la historiografía colonial y post-colonial a favor del archivo escrito y del grupo colonial dominante y sus agentes, cuyo estatus es parcialmente constituido por su dominio de la cultura letrada. Este prejuicio, evidente incluso en formas de historiografía que simpatizan con los insurgentes, “excluye al rebelde como un sujeto consciente de su propia historia, y lo incorpora a otra historia sólo como un elemento contingente subordinado al protagonismo de otras subjetividades” (*Aspects,* 77). Para recuperar la especificidad histórica de las rebeliones campesinas, el historiador tiene que leer el archivo a contrapelo, practicar una “escritura al revés”. (BEVERLEY, 2011, p. 21)

 Beverley (2011) explicita que a compreensão de Guha por “prosa de la contrainsurgencia” se refere não somente ao arquivo colonial do século XIX, mas guarda ressonância nas formas atuais de construção dos discursos históricos, etnográficos, literários e, por que não dizer, jornalísticos, cujos liames são tecidos na localização dos sujeitos no âmbito de uma “narrativa teleológica de formación del Estado” (BEVERLEY, 2011, p. 21). Observa-se sob esse prisma, a preocupação de Guha com a conversão da história a um elemento administrativo de narrativas. Beverley (2011) frisa que,

Guha intenta representar o recuperar al subalterno como un sujeto histórico, desde la coraza de los discursos historiográficos y archivísticos que le niegan agencia. En este sentido, su proyecto es una continuación de la misma insurgencia que se propone representar históricamente. Pero, los estudios subalternos no son simplemente un discurso “sobre” el subalterno. ¿Cuál sería el interés, después de todo, en representar al subalterno como subalterno? Ni tampoco se trata, simplemente, de los campesinos o del passado histórico. **Los estudios subalternos aparecen y se desarrollan como una práctica académica en un escenario contemporáneo en el cual nuevas relaciones de dominación y subalternidad son producidas regularmente y otras anteriores son reproducidas o reforzadas.** (BEVERLEY, 2011, p. 22, grifos nosso)

Beverley (2011) compreende que a ideia de estudar o subalterno é contraditória. Entretanto, o reconhecimento dessa natureza paradoxal possibilita o exercício de uma leitura a contrapelo. Desse modo, o processo tem como consequência o deslindamento de “la autoridad de la alta cultura de la academia y de los centros de saber al mismo tiempo que continuamos participando plenamente en ellos como artistas, profesores, investigadores, planificadores y / o teóricos” (BEVERLEY, 2011, p. 23). Beverley (2011) complementa:

Aquellos quienes participamos en el proyecto de los estudios subalternos somos frecuentemente cuestionados: ¿cómo es que nosotros, quienes somos (en su mayoría) académicos blancos de clase media o alta, en universidades de investigación o en instituciones de alta cultura, podemos reivindicar que representamos al subalterno? Pero no reivindicamos representarlo (“cartografiarlo”, “dejarlo hablar”, “hablar por él”). **Buscamos en cambio, registrar las formas en que el saber y las prácticas que producimos e impartimos están estructurados por la ausencia, dificultad o imposibilidad de representación del subalterno. Esto equivale a reconocer, sin embargo, la inadecuación fundamental de nuestro saber y de nuestras prácticas, junto con las instituciones que las contienen, y por lo tanto, la necesidad de un cambio social general dirigido hacia un orden radicalmente democrático e igualitario.** (BEVERLEY, 2011, p. 24, grifos nosso)

Desse modo, busca-se entender como as reportagens e notícias absorvem as assimetrias e deslocam sua narrativa de uma perspectiva do poder hegemônico para o ponto de vista dos anônimos, subalternos e excluídos.

Os *media* encarregam-se de sedimentar a base a partir da qual os grupos e classes compõem uma imagem das vidas, significados, práticas e valores. O conjunto dessas imagens engendra um apanhado de representações e ideias em torno das quais a totalidade social, “compuesta de todas estas piezas separadas y fragmentadas, puede ser captada coherentemente como tal ‘totalidad’” (HALL, 2010, p. 245). Os elementos de construção seletiva do conhecimento social, desse modo, articulam uma maneira de perceber o mundo global de forma inteligível.

**3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossa perspectiva aponta para o entendimento de que uma leitura a contrapelo pode possibilitar ao Jornalismo uma epistemologia ao revés dos relatos hegemônicos. Desse modo, acreditamos ser possível o desvio dos preceitos sociais dominantes para uma abordagem em que o sujeito subalterno apareça como o articulador da realidade. Rompe-se com o tom homogeneizador da teia social (que privilegia a história vista de cima), deslocando-se para a ambiência dos processos individuais das classes subalternas - como forma de entender e articular contextos sociais, políticos e culturais.

Desse modo, pensar o Jornalismo e sua prática a partir do arcabouço teórico da micro-história italiana constitui um trabalho de reflexão necessário – porque permite trazer para o primeiro plano as discussões sobre os anônimos e a constituição microanalítica, indiciária e narrativa dos contextos sociais e culturais. Assim, concordamos que os referenciais metodológicos discutidos durante o resumo expandido podem servir como aportes para novas pesquisas – tendo, a vida cotidiana, os sujeitos subalternos e as dimensões socio-culturais como espaços de discussão, reflexão e de construção de novos olhares, relatos e saberes para o campo do Jornalismo.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BEVERLEY, John. **Políticas de la teoria**: ensayos sobre subalternidad y hegemonia. Traducción: Marlene Beiza Latorre y Sergio Villalobos-Ruminott. Caracas: CELARG, 2011. Disponível em: <<https://www.academia.edu/4739925/Pol%C3%ADticas_de_la_teor%C3%ADa-John_Beverley-Introducci%C3%B3n_y_traducci%C3%B3n_Sergio_Villalobos-Ruminott>>. Acesso em: 23 Set. 2024.

DIJK, Teun A. Van. **Discurso e poder**. Organização Judith Hoffnagel, Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2015.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução de Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HALL, Stuart *et al.* A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Florianópolis: Insular, 2016.

SILVA, Leonardo Santana da. Carlo Ginzburg: o conceito de circularidade cultural e sua aplicação nos estudos sobre a música popular brasileira. **Revista Augustus**, 22, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/revistaaugustus/article/view/19811896.2017v22n43p72>>. Acesso em: 23 Set. 2024.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **Micro-história**: modo de uso. Tradução Jurandir Malerba. Londrina: Eduel, 2012.

1. Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre – UFAC. Bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: tacila.silva@sou.ufac.br [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos). Mestre em Letras: Linguagem e Identidade (UFAC). Professor do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) e do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: aquinei@gmail.com. [↑](#footnote-ref-2)